


**DESAFIOS ÉTICO-METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO
ENTRE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA ESCOLAR COM O BOI PINTADINHO DE
MUQUI-ES**

**ETHICAL-METHODOLOGICAL CHALLENGES IN THE CONSTRUCTION OF A
DIALOGUE BETWEEN SCHOOL MATHEMATICAL EDUCATION AND THE BOI
PINTADINHO DE MUQUI-ES**

**DESAFÍOS ÉTICO-METODOLÓGICOS EN LA CONSTRUCCIÓN DE UN
DIÁLOGO ENTRE LA EDUCACIÓN MATEMÁTICA ESCOLAR Y EL BOI
PINTADINHO DE MUQUI-ES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-128>

Data de submissão: 10/09/2025

Data de publicação: 10/10/2025

Arthur Constantino Dutra da Silva

Mestrando em Educação em Ciências e Matemática

Instituição: Instituto Federal do Espírito Santo

E-mail: professorarthurdutra@gmail.com

Daniele Furieri Rigo

Mestrando em Ciência Tecnologia e Educação

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré

E-mail: danielefurieri@gmail.com

Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni

Doutorado em Educação

Instituição: Instituto Federal do Espírito Santo

E-mail: claudia.araujo.lorenzoni@gmail.com

RESUMO

Este artigo, derivado de um projeto de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (Educimat) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), analisa a aplicação de uma metodologia de pesquisa colaborativa junto à comunidade detentora da tradição dos Bois Pintadinhos de Muqui-ES. O objetivo central é discutir o desafio de conciliar os padrões éticos e metodológicos da academia com uma abordagem que valorize e dignifique os saberes, as práticas e os modos de ser locais. A análise apresenta o dilema entre a observância às normas acadêmicas e o respeito à sabedoria comunitária, destacando a necessidade de uma metodologia sensível que assegure a representatividade de diferentes conhecimentos. Com base em um referencial teórico focado em estudos decoloniais e colaborativos, o texto articula caminhos para a construção de pesquisas que promovam a inclusão e a legitimidade de múltiplas perspectivas culturais, contribuindo para a democratização do conhecimento.

Palavras-chave: Pesquisa Colaborativa. Ética em Pesquisa. Etnomatemática. Boi Pintadinho.

ABSTRACT

This article, derived from a professional master's project of the Graduate Program in Science and Mathematics Education (Educimat) at the Federal Institute of Espírito Santo (Ifes), analyzes the application of a collaborative research methodology with the community of the Bois Pintadinhos de Muqui, Espírito Santo, tradition. The central objective is to discuss the challenge of reconciling academic ethical and methodological standards with an approach that values and dignifies local knowledge, practices, and ways of being. The analysis presents the dilemma between adherence to academic norms and respect for community wisdom, highlighting the need for a sensitive methodology that ensures the representation of diverse knowledge. Based on a theoretical framework focused on decolonial and collaborative studies, the text articulates paths for constructing research that promotes the inclusion and legitimacy of multiple cultural perspectives, contributing to the democratization of knowledge.

Keywords: Collaborative Research. Research Ethics. Ethnomathematics. Boi Pintadinho.

RESUMEN

Este artículo, derivado de un proyecto de maestría del Programa de Posgrado en Educación en Ciencias y Matemáticas (Educimat) del Instituto Federal de Espírito Santo (Ifes), analiza la aplicación de una metodología de investigación colaborativa con la comunidad de la tradición Bois Pintadinhos de Muqui, Espírito Santo. El objetivo central es discutir el desafío de conciliar los estándares éticos y metodológicos académicos con un enfoque que valore y dignifique los conocimientos, prácticas y formas de ser locales. El análisis presenta el dilema entre la adhesión a las normas académicas y el respeto a la sabiduría comunitaria, destacando la necesidad de una metodología sensible que garantice la representación de diversos saberes. Con base en un marco teórico centrado en estudios decoloniales y colaborativos, el texto articula caminos para construir investigaciones que promuevan la inclusión y legitimación de múltiples perspectivas culturales, contribuyendo a la democratización del conocimiento.

Palabras clave: Investigación Colaborativa. Ética de la Investigación. Etnomatemáticas. Boi Pintadinho.

1 INTRODUÇÃO

1.1 ENTRE CANTOS DO BOI E ECOS DA ACADEMIA

Este texto resulta de reflexões surgidas durante uma pesquisa de mestrado profissional em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (Educimat) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Sob uma perspectiva etnomatemática, o projeto busca estabelecer um diálogo entre a tradição da festa do Boi Pintadinho de Muqui-ES e a educação matemática escolar, investigando as práticas dessa manifestação cultural popular. O objetivo da pesquisa é elaborar um jogo de cartas que promova uma educação matemática representativa do festejo e dos saberes locais.

A festa do Boi Pintadinho, realizada durante o Carnaval, é uma exibição da cultura popular local rica em tradição e simbolismo. Segundo o *Atlas do Folclore Capixaba* (Capai, 2009), o Boi Pintadinho é representado por uma figura construída artesanalmente, consistindo em uma estrutura de bambu ou vergalhões que dá forma ao corpo do animal. A cabeça é frequentemente uma caveira de boi real ou uma réplica esculpida, adornada com chifres e enfeites. O conjunto é coberto por tecidos coloridos e estampados, com padrões geométricos e detalhes vibrantes que descem até o chão, ocultando a pessoa que o manipula.

Durante a festividade, o Boi Pintadinho é conduzido por um brincante que, sob a estrutura, dá vida à figura, fazendo-a dançar, pular e interagir com o público. A apresentação é acompanhada por uma bateria de instrumentos de percussão e outros personagens, como a Mulinha e o Espadeiro. A Mulinha, de estrutura semelhante à do Boi, é outra figura animada por um participante, que realiza danças e movimentos alegres. O Espadeiro interage com o Boi em uma encenação, conduzindo-o e evitando suas investidas, o que cria um espetáculo dinâmico e envolvente (Imagem 1).

Imagem 1: Apresentação de grupo de Boi Pintadinho



Fonte: Os autores, 2024.

Essa tradição combina música, dança e teatro, com raízes em manifestações culturais que chegaram ao Espírito Santo a partir do norte do estado do Rio de Janeiro. Originalmente associada ao ciclo junino, a festa passou a ser celebrada durante o Carnaval, tornando-se uma das principais atrações culturais de Muqui.

A base simbólica da celebração, compartilhada por diversas manifestações de Boi pelo Brasil, reside em um auto popular que dramatiza um ciclo de transgressão, morte e ressurreição. A composição dessa narrativa é assim descrita:

Em sua versão mais conhecida, a composição dramática do auto conta a história da escrava Mãe Catirina, mulher de Pai Francisco, que, grávida, deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda de um rico proprietário. Com a complacência do capataz, o boi é roubado e morto. A notícia se espalha, a revolta é geral, e o dono do boi manda prender Pai Francisco. Por intervenção mágica de feitiçeiros, o boi ressuscita, o culpado é perdoado, e tudo termina com muita festa em honra do boi redivivo. (Gonzales, 2024, p. 78)

Esse enredo, centrado na ressurreição e no perdão, ancora o simbolismo da festa, celebrando a renovação da vida e a resiliência cultural da comunidade.

A Festa do Boi Pintadinho reflete uma diversidade de saberes e fazeres locais, envolvendo a comunidade e configurando-se como um espaço de atividades matemáticas observáveis, como contar, medir, localizar, desenhar, jogar e explicar (Bishop, 1988). Por meio de uma perspectiva etnomatemática, é possível ampliar o entendimento dessas práticas, observando-as para além de uma matemática formal, ao respeitar a cosmovisão que os participantes atribuem às atividades.

Dessa forma, os padrões ornamentais dos tecidos, as estruturas das armações, as sequências rítmicas e as formações dos desfiles tornam-se elementos capazes de dialogar com a educação matemática escolar, conferindo-lhe sentido em vez de apresentar conceitos fragmentados e sem contextualização, o que pode dificultar o processo de ensino e aprendizagem. A proposta é centrar o aprendizado a partir de uma cultura característica de uma comunidade capixaba, promovendo uma visão abrangente do saber matemático.

Apesar da vivência em Muqui e da participação recorrente na festa, este estudo foi iniciado com preocupações éticas. Tal cautela decorre do fato de que algumas práticas, embora conhecidas, não eram integralmente familiares aos pesquisadores. A imersão etnográfica em comunidades tradicionais, a exemplo de povos originários, quilombolas e ciganas, pressupõe superar a visão de que o conhecimento se restringe ao meio acadêmico. Nesses grupos, o saber é um elemento vivo, manifesto nas práticas diárias e na transmissão geracional.

Tais saberes, que articulam diversas influências em um processo de sincretismo, são fundamentais para a composição das tradições no Brasil. Esse dinamismo cultural, por sua vez,

fomenta a diversidade de perspectivas e de formas de saber. Pesquisadores devem apoiar-se na riqueza cultural inerente a tais contextos e, conscientes da responsabilidade ao se aproximarem de valores distintos, buscar o entendimento das práticas locais sem perder de vista os valores da comunidade, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade e a ampliação de sua representatividade.

A tradição do Boi Pintadinho, por meio de seus simbolismos e expressões artísticas, traduz uma história de resistência social e cultural. A manutenção dessa herança permite que a comunidade reafirme sua identidade e se constitua como um campo relevante de produção de conhecimento. A compreensão das estruturas internas desses saberes, contudo, depende da perspectiva de seus praticantes.

Essa valorização do conhecimento local dialoga com a crítica de Boaventura de Sousa Santos (2007) à pretensão de um saber universal, que, segundo o autor, acarreta implicações significativas:

[...] a compreensão do mundo excede largamente a compreensão ocidental do mundo, e que a nossa compreensão da globalização, portanto, é muito menos global do que a própria globalização... quanto mais compreensões não-ocidentais forem identificadas mais evidente se tornará o fato de que ainda restam muitas outras por identificar, e que as compreensões híbridas - com elementos ocidentais e não-ocidentais - são virtualmente infinitas (SANTOS, 2007, p. 84).

O presente trabalho analisa a construção de uma pesquisa colaborativa que articula as normas acadêmicas com os valores dos sujeitos pesquisados, especialmente em contextos de manifestações culturais populares. A análise se debruça sobre possíveis desafios inerentes a essa abordagem e propõe estratégias para superá-los. Argumenta-se que, ao promover a representatividade de múltiplos saberes, fazeres e modos de ser, tal metodologia contribui para a efetiva democratização do conhecimento.

2 TECENDO METODOLOGIAS ALÉM DO CONVENCIONAL

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma revisão narrativa de obras e artigos de autores relevantes na temática. A revisão narrativa caracteriza-se por abordar um tema de forma mais aberta e flexível em comparação com outros modelos. Ela não parte necessariamente de uma questão específica e não exige um protocolo rígido para sua elaboração. A busca por fontes é menos estruturada e pode ser influenciada pela percepção subjetiva do autor, o que pode introduzir vieses de seleção (Cordeiro, 2007).

Os autores estudados aqui incluem Boaventura de Sousa Santos, cujas reflexões sobre a articulação equitativa entre diferentes formas de conhecimento e a crítica à divisão entre o conhecimento legítimo (ocidental) e o ilegítimo (não-ocidental) fornecem uma base para discutir a representatividade de saberes; Linda Tuhiwai Smith, que contribui com sua abordagem sobre a

decolonização de metodologias e a importância de centrar as pesquisas nas perspectivas das comunidades; Kathryn Sue March, que oferece uma visão sobre a necessidade de ir além de entendimentos superficiais para compreender valores culturais, enfatizando a imersão nas vivências comunitárias; e Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), que traz experiências como intelectual quilombola, destacando a centralidade da cosmovisão e da religiosidade nas comunidades tradicionais.

Este trabalho adotou uma abordagem metodológica qualitativa, crítica e reflexiva das contribuições desses autores, buscando identificar possíveis barreiras éticas enfrentadas ao pesquisar manifestações culturais populares. A ética abordada aqui transcende as normas dos comitês de pesquisa, tratando-se de um respeito profundo aos valores, saberes e modos de vida das comunidades envolvidas. A síntese das propostas apresentadas a seguir emerge das leituras realizadas e dos desafios iniciais da pesquisa, visando construir uma abordagem colaborativa e alinhada às perspectivas da comunidade.

3 ENCONTRO COM O IMPREVISTO

A complexidade de pesquisar em comunidades tradicionais impõe desafios culturais e relacionais na interação entre pesquisador e comunidade. É necessário refletir sobre essas dificuldades para conduzir a pesquisa de maneira respeitosa e eficaz, garantindo que os objetivos acadêmicos não se sobreponham aos valores e necessidades locais. A seguir, exploram-se possíveis desafios, buscando identificar soluções e enfatizar a necessidade de uma postura sensível por parte do pesquisador para promover uma relação de confiança e colaboração.

3.1 QUANDO A COMUNIDADE FALA ANTES DE CONFIAR

A aproximação a uma comunidade, sua história e cultura, apresenta o desafio de estabelecer uma relação que não seja percebida como invasiva ou extrativista, focada apenas na obtenção de informações para benefício acadêmico. A pesquisadora e educadora indígena Linda Tuhiwai Smith (2018) destaca que a palavra "pesquisa", em si, "é provavelmente uma das mais sujas do mundo vocabular indígena", pois, "quando mencionada em diversos contextos, provoca silêncio, evoca memórias ruins, desperta um sorriso de conhecimento e de desconfiança" (Smith, 2018, p. 11).

O histórico de exploração e desrespeito faz com que a desconfiança seja uma resposta natural de algumas comunidades tradicionais. Embora a autora se refira a comunidades indígenas, esse sentimento pode ser semelhante em qualquer grupo com histórico de resistência. Portanto, o pesquisador precisa estabelecer uma relação baseada na confiança e no respeito mútuo, demonstrando

interesse genuíno e comprometimento com o bem-estar coletivo. Diálogos abertos, participação ativa da comunidade e transparência sobre os objetivos do estudo são essenciais para construir essa relação.

A aproximação a uma comunidade tradicional deve ocorrer de forma natural, evitando parecer forçada ou focada exclusivamente em interesses de pesquisa. Essas comunidades atribuem grande importância ao respeito e se sustentam pelo senso de união que fortalece suas tradições. Por isso, iniciar um diálogo apenas com questões acadêmicas tende a gerar desconfiança. Antes de apresentar o projeto, é preciso demonstrar admiração pelas práticas locais e deixar claro que o interesse ultrapassa a análise teórica, abrangendo as relações humanas e a compreensão da cultura que as mantém vivas.

3.2 O VALOR DO SABER TINTO EM COR E TRADIÇÃO

Equilibrar as exigências acadêmicas com o respeito aos valores e práticas comunitárias é outro desafio significativo. A academia frequentemente privilegia determinados tipos de conhecimento em detrimento de saberes tradicionais. Santos (2007) critica essa postura ao afirmar que "o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa — nem poderia estar, uma vez que o seu desígnio original foi converter este lado da linha em sujeito do conhecimento e o outro lado em objeto de conhecimento" (Santos, 2007, p. 87).

Essa desigualdade marginaliza outras formas de conhecimento e reforça estruturas de poder. O pesquisador deve, portanto, refletir sobre como não subordinar os saberes tradicionais, adaptando a pesquisa para reconhecer e validar a importância dos conhecimentos locais. Essa prática contribui para a democratização do conhecimento e enriquece o processo investigativo.

Esta etapa do processo investigativo requer sensibilidade. Embora a consulta a pesquisadores experientes seja uma prática válida, é necessário equilibrar a perspectiva acadêmica com a dos participantes da comunidade. Em muitos casos, as práticas são de transmissão oral, o que apresenta um paradigma distinto do modelo vigente na academia. Nesse contexto, fundamentar a legitimidade dos saberes orais torna-se um recurso valioso para garantir sua representatividade.

3.3 RITMOS DO INVISÍVEL: HONRANDO O SAGRADO EM CADA PASSO

A pesquisa não pode ser conduzida de forma rígida; é essencial reconhecer as particularidades culturais das comunidades, em especial as religiosas, que são muitas vezes centrais em suas cosmovisões. Ignorar ou minimizar esses aspectos pode resultar em interpretações superficiais ou errôneas. O ativista e intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), Nêgo Bispo, relata:

Tendo a religiosidade se apresentado como fator preponderante no processo de colonização e também por acreditar que a religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida entre os diferentes povos e sociedades, busquei compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra-colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra-colonização. (Santos, 2015, p. 20)

Bucar compreender as dimensões religiosas e cosmológicas das comunidades é uma maneira de aproximação. Reconhecer formas de conhecimento que vão além do escrito e do formal implica considerar rituais, artes e outras expressões como fontes de saber. Observações que extrapolam o objeto de estudo permitem uma conexão respeitosa. O pesquisador deve se posicionar como aprendiz, disposto a entender essas estruturas, mesmo quando desafiam seus próprios conceitos.

Ao pesquisar comunidades tradicionais, é necessário bucar compreender a composição sincrética que geralmente sustentam grupos marginalizados. Para um olhar desatento, certas práticas, sobretudo as ligadas ao sagrado, podem parecer semelhantes às tradições dos colonizadores. Isso ocorre porque, em sua origem, muitas dessas expressões precisaram ser disfarçadas para garantir sua continuidade. Ao tratar tais nuances com respeito e representatividade ancestral, a pesquisa transcende o lugar-comum e adentra um ambiente plural no que se refere ao sagrado.

4 DECOLONIZAR PARA ABRAÇAR O NOVO

A necessidade de conduzir pesquisas eticamente responsáveis e culturalmente sensíveis passa pela reflexão sobre as metodologias empregadas no âmbito acadêmico. Nessa seção propõe-se uma análise crítica das abordagens tradicionais e discute-se como elas podem ser adaptadas para servir às comunidades envolvidas. A intenção é repensar práticas acadêmicas de modo a não subjugar os saberes locais, promovendo interação entre pesquisador e participantes. Discute-se a importância de imergir nos valores, perspectivas e necessidades da comunidade, garantindo que a pesquisa contribua para seu bem-estar e autonomia.

4.1 AFINANDO O OUVIDO: AJUSTANDO A LENTE ACADÊMICA AO CANTO LOCAL

Para que a pesquisa acadêmica se adapte à comunidade sem perder sua validade, é necessário promover o reconhecimento de diferentes formas de conhecimento. Considerar que os saberes da comunidade têm o mesmo valor que os saberes científicos rompe com as hierarquias tradicionais. Para isso, é essencial olhar com atenção para esses saberes. A antropóloga Kathryn Sue March (2022) discute a necessidade de ir além da equivalência semântica para alcançar valores culturais desconhecidos:

A habilidade do tradutor [...] é abordar essa "intraduzibilidade" essencial no texto original e transmitir, não o seu conteúdo informativo, mas uma medida adicional de diferença que faz com que aquela sociedade não seja como a nossa. Traduzindo neste modo leva-nos além da questão da equivalência semântica para um domínio de valores culturais desconhecidos (March, 2002, p. 10, tradução nossa).

Não se trata apenas de traduzir palavras, mas de imergir nos valores, perspectivas e vivências da comunidade. Esse processo desafia o pesquisador a ultrapassar suas próprias referências culturais. Quando o pesquisador se abre para formas de conhecimento distintas, a pesquisa torna-se fiel à realidade local. Nesse contexto, Smith (2018) ressalta:

No entanto, a descolonização não significa e nem quer significar uma rejeição total da teoria, da pesquisa ou do conhecimento ocidental. Em vez disso, trata-se de centrar nossas preocupações e nossas visões de mundo, para então conhecer e compreender a teoria e a pesquisa a partir de nossas perspectivas e de nossos próprios objetivos (Smith, 2018, p. 55).

Decolonizar a metodologia também implica repensar o propósito da pesquisa, assegurando que ela atenda aos interesses da comunidade, não apenas às demandas acadêmicas. Esse processo exige uma postura crítica, reconhecendo as implicações do ato de pesquisar em um contexto historicamente marcado pelo colonialismo. Uma abordagem possível é adotar uma pesquisa colaborativa, na qual instrumentos e formas de avaliação sejam compartilhados com a própria comunidade. Dessa interação pode surgir uma perspectiva nova, que não se opõe à academia, mas assegura a representatividade necessária aos participantes.

5 QUANDO RESISTÊNCIA E INTEGRAÇÃO DANÇAM JUNTAS

Nesta seção, apresentam-se conceitos e estratégias para construir uma abordagem investigativa que respeite os saberes tradicionais, evitando a reprodução de práticas extrativistas. A intenção é delinear caminhos que permitam ao pesquisador produzir informações e também contribuir com a comunidade. Discute-se como a adoção de uma postura crítica e colaborativa pode resultar em um trabalho que beneficia todas as partes envolvidas.

5.1 ROMPENDO BARREIRAS DO PENSAMENTO ÚNICO

Construir uma pesquisa colaborativa exige mais do que o envolvimento pontual de um pequeno grupo. É comum que pesquisadores em processo de formação realizem entrevistas e, com pouca análise pautada na ótica do entrevistado, considerem isso suficiente para a representatividade do participante. No entanto, é necessário reconhecer e valorizar todos os aspectos dos saberes que foram historicamente silenciados. Conforme ensina Santos (2007):

[...] a resistência política deve ter como postulado a resistência epistemológica... não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Isso significa que a tarefa crítica que se avizinha não pode ficar limitada à geração de alternativas: ela requer um pensamento alternativo de alternativas. (Santos, 2007, p. 83)

Não basta criar alternativas dentro do modelo dominante; é preciso pensar em caminhos além desse paradigma, rompendo com as hierarquias de conhecimento. Ao questionar a hegemonia de um saber eurocêntrico e colonizador, promove-se a emancipação dos saberes tradicionais. Nesse sentido, o pesquisador deve buscar contextos em que a troca genuína fomente a autonomia das comunidades em relação aos seus saberes. Mais do que alcançar metas acadêmicas, trata-se de deixar à comunidade meios para ampliar sua visão e seus modos de transmissão de conhecimento.

5.2 AS FALAS E O RUMORES DA COMUNIDADE

Integrar os valores dos participantes ao processo de pesquisa implica criar espaços de diálogo e colaboração genuína. Smith (2018) reforça:

Em um marco teórico descolonizador, a desconstrução é parte de um projeto muito maior. Desconstruir a história, revelar textos subjacentes e dar voz a coisas que geralmente são conhecidas intuitivamente de fato não ajuda as pessoas a melhorar suas atuais condições. Tais práticas fornecem palavras, possivelmente insights, que explicam certas experiências — mas elas não livram ninguém da morte. (Smith, 2018, p. 14)

A pesquisa deve buscar ter um impacto positivo e concreto na vida das pessoas. Não basta desconstruir teorias; é necessário que a investigação contribua para a melhoria das condições de vida da comunidade. Projetos que atendam às necessidades identificadas pela própria comunidade promovem empoderamento e autonomia. March (2002), ao falar de seu estudo, compartilha que "foi acordado que registraríamos seu modo de vida e que o registro seria dedicado a todos os nossos filhos" (March, 2002, p. 6). Este exemplo ilustra como a pesquisa pode ser um processo colaborativo que beneficia todos os envolvidos. Dedicar o trabalho às futuras gerações demonstra compromisso com a continuidade cultural.

A pesquisa deve sempre bucar deixar um legado significativo para a comunidade, evitando o risco de extrativismo cultural. Ao delinear o estudo, deve-se questionar: o que permanecerá para aquelas pessoas após a conclusão do trabalho? Essa resposta só surgirá em uma pesquisa pautada pela colaboração, em que a comunidade participe efetivamente do processo. Caso contrário, a pesquisa será apenas um repositório acadêmico, cujo conteúdo reflete saberes já conhecidos localmente, sem oferecer algo novo ou útil aos participantes.

6 O PESQUISADOR APRENDIZ E O ESCUTAR ATENTO

Para discutir a construção de uma pesquisa colaborativa, precisamos refletir sobre o papel do pesquisador no contexto das manifestações culturais populares. Analisa-se neste segmento a importância do respeito às diferenças e da adoção de uma postura colaborativa, disposta a ouvir e aprender, promovendo uma representação fiel dos participantes locais e garantindo que a pesquisa sirva às necessidades da comunidade.

6.1 ENTRE TAMBORINS E SILÊNCIOS

O pesquisador deve atuar como mediador e parceiro, disposto a ouvir, aprender e caminhar ao lado da comunidade. Perceber a influência que exerce na construção do conhecimento é essencial para minimizar distorções. March (2002) observa:

O interlocutor antropológico muitas vezes foi editado fora do texto final, de modo que parece a narrativa contínua do outro orador. Na verdade, as questões, interesses, entendimentos e motivos do antropólogo orientam a produção do relato, tanto no momento da narrativa original quanto durante todo o processo editorial. (March, 2002, p. 239, tradução nossa)

Assumir essa dinâmica permite ao pesquisador adotar uma postura transparente, colocando os interesses da comunidade em primeiro plano. Valorizar as diferenças culturais enriquece a pesquisa. A tarefa do pesquisador é explorar e celebrar as diversidades sem tratá-las de forma exótica, para não perder de vista a humanidade compartilhada. Adotar essa postura requer respeito e igualdade, evitando hierarquias acadêmicas.

Smith (2018) questiona: "que pesquisa é essa? A quem ela serve? A quais interesses ela serve? Quem vai se beneficiar dela? Quem elaborou suas questões e a partir de qual referencial? Quem irá executá-la? Quem irá escrevê-la? Como seus resultados serão divulgados?". Essas questões devem orientar a pesquisa, destacando a necessidade de o pesquisador adotar uma postura de aprendiz, na qual a escuta prevalece sobre a fala e o reconhecimento da complexidade local supera concepções acadêmicas. Embora prazos e obrigações sejam inerentes ao trabalho, uma pesquisa só pode ser considerada colaborativa se o pesquisador tratar o processo com a sensibilidade de quem reconhece ter mais a aprender do que a ensinar, afinal, é ele quem se aproxima das tradições, na maioria das vezes, sem ter sido convidado.

7 SABERES COMPARTILHADOS EM HARMONIA

A construção de uma pesquisa colaborativa que transcenda as normas acadêmicas, alinhando-se aos saberes e práticas das comunidades, constitui um desafio central no campo das investigações

culturais. Não se trata apenas de cumprir exigências institucionais, mas de reconhecer que o conhecimento se apresenta em múltiplas linguagens, cada uma expressando visões de mundo. Essa disposição para o diálogo com a alteridade permite que os participantes deixem de ser objetos de estudo e se tornem parceiros ativos no processo investigativo.

Ao repensar as relações sociais e os modos de produzir conhecimento, o pesquisador abre caminhos para vínculos pautados no respeito mútuo, na escuta atenta e na construção conjunta de significados. Essa postura sensível e flexível revela sinergias e um tecido mais amplo e inclusivo de compreensões sobre os fenômenos culturais.

Tais reflexões incidem diretamente sobre o estudo da Festa do Boi Pintadinho em Muqui, pois indicam o cuidado necessário para incorporar os saberes locais sem reduzi-los a objetos de análise. A interação com a comunidade, a atenção às suas narrativas e a abertura ao seu repertório simbólico não só atendem aos parâmetros acadêmicos, mas também fortalecem a identidade, a memória e a autonomia cultural do grupo. Dessa forma, a pesquisa torna-se um espaço de troca e construção, produzindo efeitos positivos tanto no universo acadêmico quanto no contexto social que lhe dá sentido.

Em última instância, investigar manifestações culturais de maneira colaborativa e respeitosa significa reconhecer que o conhecimento não está contido em fronteiras institucionais, mas se renova na medida em que pessoas, histórias e valores convergem. Ao integrar as múltiplas vozes presentes nas comunidades, amplia-se a compreensão do que significa conhecer, aprender e ensinar, alcançando-se uma visão mais complexa, plural e enriquecedora sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

BISHOP, Alan J. Aspectos sociales y culturales de la Educación Matemática. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v. 6, n. 2, 1988, p. 121-125.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, 2007, p. 428-431.

CAPAI, Humberto (Org.). *Atlas do folclore capixaba*. Usina de Imagem. Vitória: Secult/ES e SEBRAE/ES, 2009. Atlas. Disponível em: <https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Publicacoes/Livros/Atlas%20do%20Folclore%20Capixaba.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Festas populares no Brasil. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

MARCH, Kathryn S. *If each comes halfway: meeting Tamang women in Nepal*. Ithaca: Cornell University Press, 2002.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 79, 2007, p. 71-94.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Editora UFPR, 2018.